



Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista

Caderno para Formação de Professores Antirracistas



Autores:

Rafaela Fonseca da Silva
Tarcisio Serpa Normando



Autores



Rafaela Fonseca da Silva: Mulher negra, quilombola, mãe, professora e pesquisadora, produtora cultural, feminista e membro fundadora da Associação Crioulas do Quilombo.



Tarcisio Serpa Normando: Professor e Historiador que tem compromisso com uma educação que transforme o mundo através do empoderamento dos sujeitos subalternizados. Crê nos versos da música que diz: Faltava abandonar a velha escola/ tomar o mundo feito coca-cola(...) Se é loucura/ Então , melhor não ter razão.

Ficha Técnica

Origem do Produto Educacional:

Dissertação "FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA A PARTIR DE NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS

Autores:

Rafaela Fonseca da Silva

Email: rajunafonseca94@gmail.com

Tarcisio Serpa Normando

Email: tsnormando@ifam.edu.br

Área do Conhecimento: Ensino

Produto Educacional: "Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista" - Caderno para Formação de Professores Antirracistas.

Objetivos: Auxiliar os professores da educação na aplicação de formação para uma educação antirracista, a fim de apoiá-los em suas práticas pedagógicas valorizando a história e cultura africana tendo como referência a lei 10.639/03 e a 11.645/08.

Público- alvo: Professores negros Graduados em Licenciatura; Graduandos em licenciatura; Quilombolas e não Quilombolas do território do Quilombo de São Benedito.

Categoria desse produto: Material digital com orientações para o curso de formação de professores negros trabalharem as didáticas em sala de aula.

Organização do produto: Este produto é composto por seis unidades na primeira unidade , Sankofa 1- Eu, professor negro. Na segunda unidade, Sankofa 2 – Palavras que nos cercam. Na terceira unidade, Sankofa 3-Uma casa chamada mundo. Na quarta unidade- Sankofa 4- Black is Beautiful. Na quinta unidade- Sankofa 5- Eu, professor e pesquisador negro. Na sexta unidade- Sankofa 6- Um educação antirracista para o século XXI. Preparação das Oficinas.

Registro do Produto: Biblioteca Paulo Sarmiento do IFAM, Campus Manaus Centro.

Avaliação do Produto: O produto foi avaliado por professores negros da educação municipal, estadual e particular de ensino do estado do Amazonas.

Disponibilidade: irrestrita, mantendo-se o respeito a autoria do produto, não sendo permitido o uso comercial por terceiros.

Divulgação : Por meio digital.

URL do Produto: Repositório do IFAM (<http://repositorio.ifam.edu.br/>) e site do PPGET (<http://ppget.ifam.edu.br/dissertacoes-defendidas/>)

Idioma: Português

Cidade: Manaus

País: Brasil

Ano: 2024

Diagramação: Karollen Silva (karollensilva@yahoo.com.br)

Imagens: Rafaela Fonseca da Silva, Caldo Negro produções (Andarilha, Jéssica).

Termo de Autorização de uso de Imagens: Jamily Souza da Silva(Liderança Quilombola do Quilombo Urbano de São Benedito) E os participantes professores que participaram das Oficinas Sankofas.

Fonte: Autora (2024)

Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

S586s Silva, Rafaela Fonseca da.
Sankofa no Quilombo de São Benedito: curso de formação de professores negros para a educação antirracista – caderno para formação de professores antirracistas / Rafaela Fonseca da Silva, Tarcísio Serpa Normando. – Manaus, 2024.
52 p. : il. color.

Produto educacional proveniente da dissertação - Formação de professores e educação antirracista a partir de narrativas (auto) biográficas (Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus Manaus Centro*, 2024.

ISBN 978-65-85652-55-1

1. Formação de professores negros. 2. Sankofas. 3. Narrativas. 4. Antirracistas.
I. Normando, Tarcísio Serpa. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 371.33





Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista

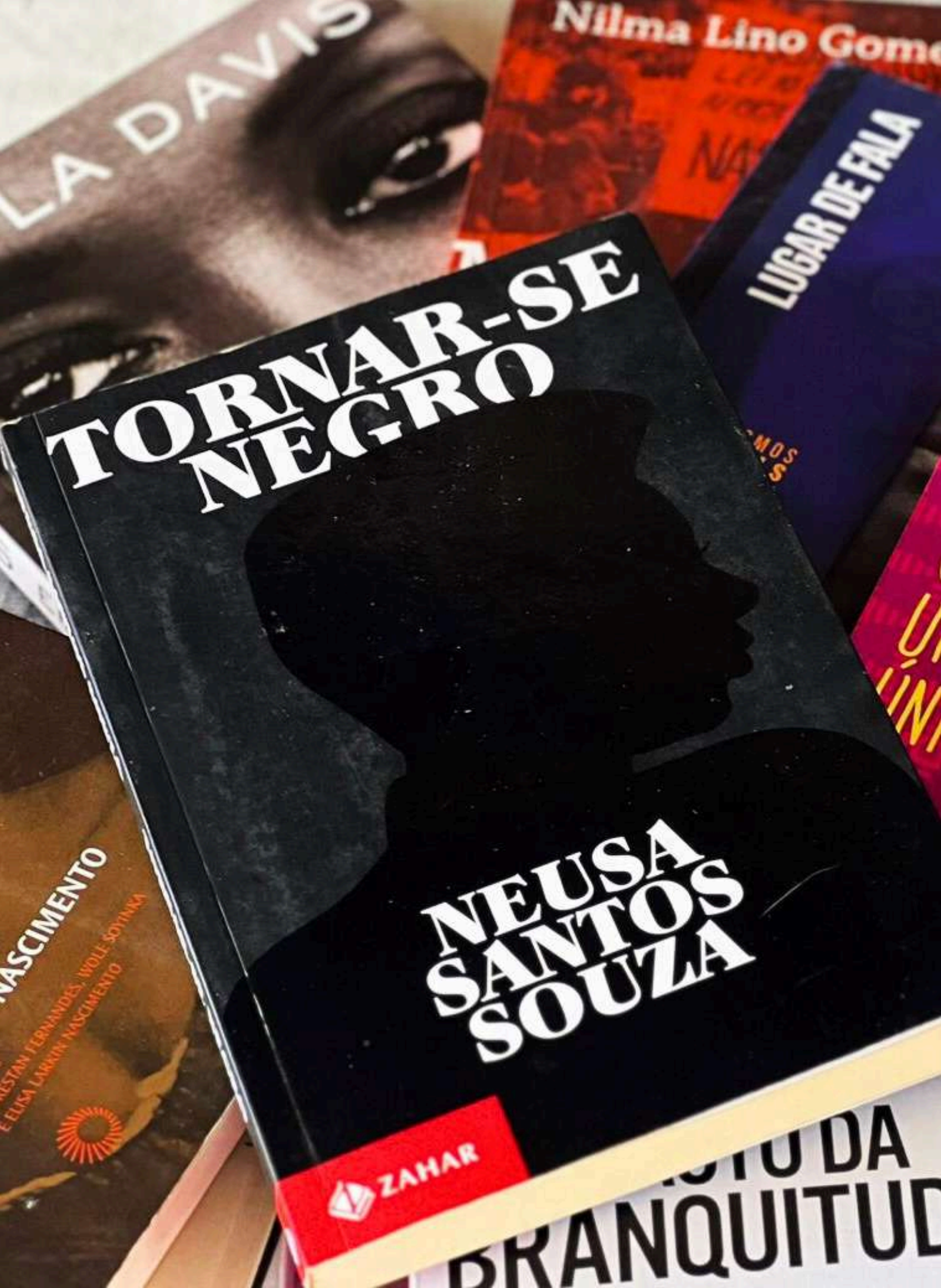
Caderno para Formação de Professores Antirracistas



Autores:

Rafaela Fonseca da Silva
Tarcisio Serpa Normando





Resumo

Esse produto educacional tem como principal objetivo o de contribuir na formação de professores negros através da (auto) biografia para uma educação antirracista. O material apresenta orientações de como se trabalhar os temas antirracistas nas oficinas chamadas de “Sankofas”. Fornecendo aos professores trabalharem a EREER com material de suporte e apoio através de orientações dos planos de aula.

Palavras-chave: Formação de professores Negros; Sankofas: Narrativas; Antirracistas

Abstract

This educational product's main objective is to contribute to the training of black teachers through (auto) biography for anti-racist education. The material presents guidelines on how to work on anti-racist themes in the workshops, called "Sankofas". Providing teachers to work on ERER with support material and support through lesson plan guidelines.

Keywords: Training of Black teachers;
Sankofas: Narratives; Antiracists



Sumário

APRESENTAÇÃO | 7

SANKOFA

01

Minha trajetória como professor (a)
Os reflexos do racismo estrutural na vida cotidiana | 17

SANKOFA

02

Conceitos que nos fazem entender o racismo estrutural
Ubuntu: a importância da coletividade | 21

SANKOFA

03

África, nossa casa ancestral
Pessoas negras que são referência | 25

SANKOFA

04

O racismo enraizado no vocabulário cotidiano
A objetificação do corpo negro | 29

SANKOFA

05

A (auto) biografia como caminho para o professor
negro pesquisador | 33

SANKOFA

06

Uma Educação antirracista para o século XXI | 36

CONSIDERAÇÕES FINAIS | 47

REFERÊNCIAS | 48



Apresentação

Professor (a),

O produto apresentado tem origem a partir da dissertação denominada “Formação de professores e Educação Antirracista a partir de narrativas (Auto) Biográficas” produzida no Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Amazonas. O produto foi construído a partir das narrativas e atuações pedagógicas dos professores negros do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito em Manaus - Amazonas.

As informações contidas nesse caderno são baseadas nas reflexões realizadas durante a pesquisa em campo com os professores negros, colaboradores da pesquisa. A base dos dados foram: registros fotográficos, gravações de áudio, questionários e entrevistas.

Esse material apresenta orientações de como se trabalhar os temas antirracistas nas oficinas chamadas de “Sankofas”.



Fornecendo aos professores trabalharem a EREER com material de suporte e apoio através de orientações dos planos de aula. A pesquisa teve aprovação pelo parecer 6.059.920 do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (CEPSH-IFAM).

Contextualizando o Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito

O Quilombo do Barranco de São Benedito foi certificado em 2014 como quilombo pela Fundação Cultural de Palmares e fica situado na cidade de Manaus, tendo sua estrutura cultural e pedagógica organizada em torno da historicidade do território.

Neste contexto, o quilombo denominado São Benedito teve relação intrínseca com a figura religiosa e social do santo negro, cujos festejos orientam a organização de tempo e celebrações locais do quilombo. Desde as primeiras famílias negras que chegaram a Praça 14 em Manaus, São Benedito já estava inserido em suas práticas religiosas e sociais, ainda assim toda a cultura que veio dos povos negros para a territorialidade do Quilombo do Barranco ainda é invisibilizada e necessita ser conhecida e reconhecida por professores e estudantes do entorno da comunidade, pois a educação antirracista se faz com conhecimento e rupturas de preconceitos.



Durante o processo da pesquisa do mestrado foi necessário a elaboração de um projeto de pesquisa, ou seja, um trabalho acadêmico em torno do tema, objetivo gerais e específicos, a identificação do problema da pesquisa que o aluno (a) pesquisador abordará e por fim o produto educacional. Vale ressaltar que o produto educacional pode ser composto por camadas distintas que para Mendonça et al. (2022) são elas: *Conceitual, didático pedagógica, comunicacional, estética e funcional*.

Sendo assim, o produto educacional trabalhado e elaborado conforme a nossa pesquisa se denomina:

Formação de professores e educação antirracista a partir de narrativas (auto) biográficas buscando caminhos e opções de produtos para se trabalhar enquanto professores negros, considerando, de modo fundamental, as reflexões das problemáticas levantadas pelos professores do Quilombo.

Conforme Mélo et al. (2007, p.26-32), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo pos-



-sível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro. Desse modo, ao mesmo tempo em que as pessoas falam suas histórias, buscam compreendê-las por meio do exercício de pensar compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos.

O que é sankofa?

O termo Sankofa significa a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. Sankofa geralmente é representada, na tradição de povos da África Ocidental, por um pássaro mítico ou um coração estilizado. Como cita WERNECK (2010) "*Nossos passos vem de longe*".

Perfil público-alvo

O perfil de professores convidados para participar do curso de formação inicial para uma educação antirracista é composto por professores negros (moradores do Quilombo de São Benedito ou não) que demonstraram interesse pela temática. Partindo disso, professores negros do Quilombo de São Benedito se sentiram à vontade para convidar outros professores negros não quilombolas. O interesse destes em participar do curso, centralizava-se na busca pelo entendimento de sua própria história ancestral, identificando os locais de pertencimento e não pertencimento negro.

O quantitativo de participantes englobou inicialmente um total de 28 professores. Destacamos que destes 13 professores eram vinculados institucionalmente à SEMED e SEDUC de Manaus/AM, somando-se a 2 professores não quilombolas que não possuíam contrato de trabalho.

Público-alvo: Professores negros Graduados em Licenciatura; Graduandos em licenciatura; Quilombolas e não Quilombolas do território do Quilombo de São Benedito.

Resolvemos elaborar um produto que contemplasse as oralidades dos professores participantes, levando em consideração a Lei 10.639/03 que alterou a Lei nº 9394 – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Demonstraremos o passo a passo da formação incluindo os modos de fazer e os recursos para cada oficina. Lembrando que o formador pode adaptar o material, adicionando outros textos para melhor entendimento dos participantes.

Observação: Ressaltamos aqui que as oficinas são para professores negros, mas não significa que os professores formadores não negros não possam aplicar o produto educacional para outros professores.



Objetivos



Objetivo geral: Valorização da ancestralidade e da narrativa (auto) biográfica de professores negros com vistas ao letramento racial para uma educação antirracista.



Objetivos específicos: Estimular professores negros quilombolas do Quilombo Urbano de São Benedito e professores negros não quilombolas para o reconhecimento de práticas pedagógicas protagonizadas pelo movimento negro e antirracista, a partir de narrativas e estratégias educativas dos campos epistemológicos decoloniais.





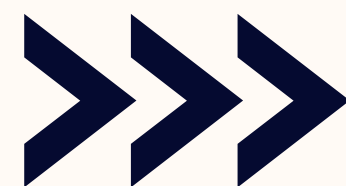
Objetivos específicos: Auxiliar os professores da educação na aplicação da Formação para uma Educação Antirracista, a fim de apoiá-los em suas práticas pedagógicas valorizando a história e cultura africana tendo como referência as Leis 10.639/03 e a 11.645/08.

A abordagem surgiu da necessidade em realizar uma pesquisa relacionada às práticas desses docentes, considerando as suas experiências que podem contribuir para outros professores negros(as) que tenham interesse em conhecer essa temática.

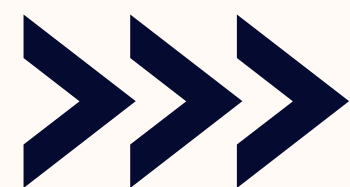
Desse modo essa pesquisa é qualitativa pois segundo (MINAYO;SANCHES,1993, p.241) na abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre os sujeitos e o objeto, uma vez que são que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos , às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.

Planejando as "SANKOFAS"

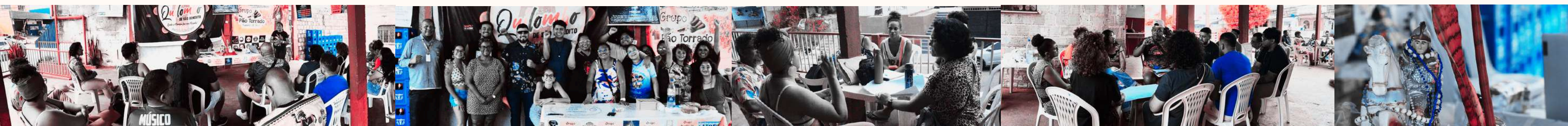
SANKOFA 1



EU, PROFESSOR NEGRO



TEMÁTICA



SANKOFA 1

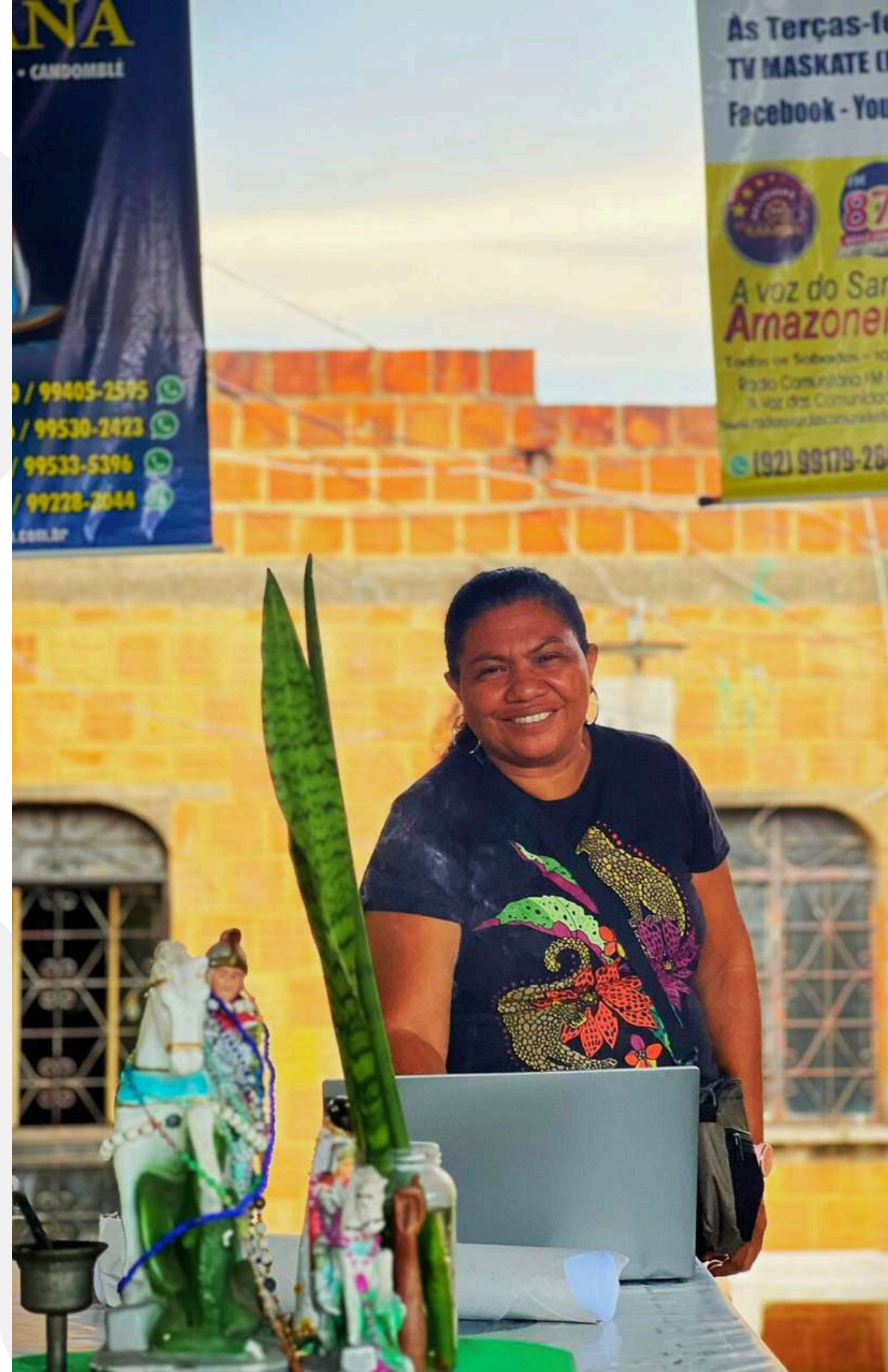
Minha trajetória como professor (a) Os reflexos do racismo estrutural na vida cotidiana

Participantes: de 13 a 20 pessoas.

Duração: 2 horas.

Público-alvo: Professores Negros, Graduandos em Licenciaturas; Alunos de graduação em licenciaturas; Quilombolas e não quilombolas do território do Quilombo de São Benedito.

Recursos utilizados: Notebook, slide, papel almaço e canetas.



Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa

A formadora falou com os participantes professores negros(as) para que eles se conhecessem. Na ocasião, fez-se uma grande roda para a apresentação onde ela falou sobre sua trajetória e constituição como professora pesquisadora, explicando acerca da pesquisa que ela estava desenvolvendo, demarcando ainda a importância da roda de conversa para elaboração de seu produto educacional que visa contribuir para a formação de professores negros(as).

Passo a passo da Sankofa 1

1-A formadora se apresentou aos participantes, falando da Sankofa 1 que é a oficina através das rodas de conversas. Nos primeiros 10 minutos a formadora apresentou os objetivos da oficina e explicou todo o plano a ser trabalhado com os participantes. Objetivos da oficina 1: Compartilhar a trajetória de constituição como professora negra; Entender como o racismo estrutural se faz presente no cotidiano.

2-Passado o tempo de sua apresentação, ela passou a palavra para os participantes que tiveram 50 minutos para falarem sobre si e suas trajetórias, dentro do período de tempo estabelecido. A formadora contabilizou os minutos, dividindo o tempo de modo igualitário, de modo que todos conseguissem falar.

3- A formadora retomou a fala sobre a importância da roda de conversa para a questão étnico-racial e falou sobre o racismo, tentando fazer com que os participantes entendessem a realidade e reconhecessem o racismo para reconhecer se eles sabiam o significado desse conceito, bem como se já sofreram esse tipo de violência ou se presenciaram algo do tipo no decorrer de suas vidas. Tempo de fala 10 minutos.

4-Produção Reflexiva- Diante de todo contexto explanado a formadora pediu aos participantes para fazerem uma redação de cartas relatando suas experiências com o racismo estrutural na escola. Deu-se aos participantes 10 minutos para redigirem suas cartas.

5-Após o passar do tempo a formadora retomou a fala dizendo que cada participante leria a sua carta de modo que compartilhassem o que foi escrito, contabilizando o tempo de de 40 minutos.



Sankofa 2

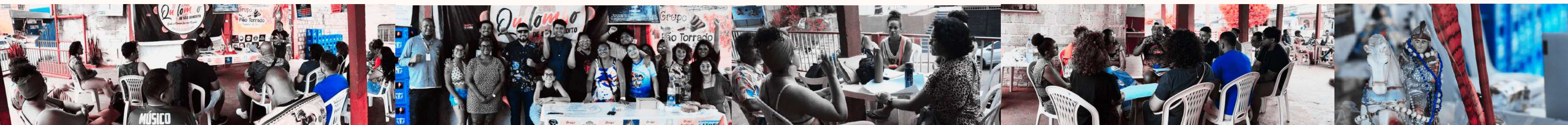
SANKOFA 2



PALAVRAS QUE NOS CERCAM



TEMÁTICA



SANKOFA 2

Conceitos que nos fazem entender o racismo estrutural Ubuntu: a importância da coletividade

Objetivos: Distinguir os conceitos de raça/etnia, racismo, preconceito e discriminação racial; Debater o conceito de Ubuntu na realidade escolar.

Duração: 2 horas.

Recursos utilizados: Oralidade, apresentação de teatro entre os participantes.



Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa.

Passo a passo da Sankofa 2

1-A formadora retomou o tema anterior Sankofa I para saber o que os participantes entenderam sobre racismo estrutural, duração 10 minutos.

2-A formadora retomou o assunto explicando sobre a Sankofa 2, o conceito e distinções de algumas palavras como raça/etnia, racismo, preconceito e discriminação racial, falou também sobre o conceito Africano Ubuntu na escola para a importância da questão antirracista, tendo 50 minutos ao todo para aos professores dialogarem em um grande grupo.

3-Produção reflexiva: Criação e apresentação de um esquete teatral demonstrando o conceito de Ubuntu na escola. Nesse momento a formadora deu a missão para os professores formarem quatro ou cinco grupos para decidirem qual o tema que escolheriam a partir dos conceitos trabalhados. As apresentações em equipes teve 50 minutos no geral.





4- A mediadora falou sobre a importância de todos (as) que estão na escola participarem das formações de professores. Desde o porteiro, ao merendeiro incluindo a gestão escolar como um todo. Em sua fala destacou a relevância de todos entenderem a questão antirracista, bem como o racismo estrutural que permeia a sociedade. A formadora teve 10 minutos para a sua fala e encerrou agradecendo aos participantes.

Sankofa 3

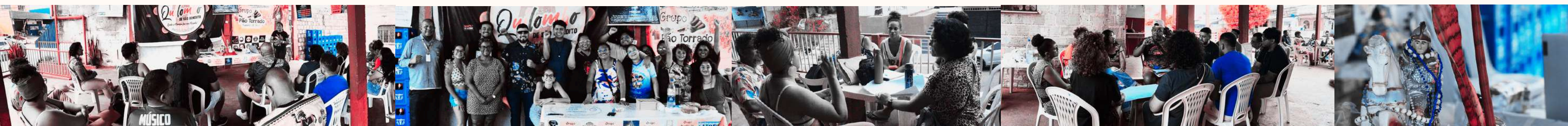
SANKOFA 3



UMA CASA CHAMADA MUNDO



TEMÁTICA



SANKOFA 3

África, nossa casa ancestral Pessoas negras que são referência

Objetivos: Desconstruir os estereótipos sobre o continente africano e seus povos; Afirmar a importância da representatividade negra na escola.

Duração: 2 horas.

Recursos utilizados: Oralidade, fotos disponibilizadas e materiais impressos de pesquisas realizadas por intelectuais negros.



Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa.

Passo a passo da Sankofa 3

1-A mediadora lembrou aos participantes sobre a Sankofa 2 e em seguida partiu para a temática da Sankofa 3. A formadora explicou para os participantes que é urgente que tenhamos outro olhar para o continente africano, desconsiderando os estereótipos que o associam à fome e à miséria. Estimulou-se a reflexão sobre a história da África com a potência de suas territorialidades que tinham reis e rainhas, diferente da história que nos contaram que não demonstra o protagonismo e apenas a submissão desses povos, reforçada pela história europeia. Duração 20 minutos.

2-A mediadora deixou a fala aberta aos participantes, caso alguém quisesse se pronunciar a respeito do que foi dialogado e como eles trabalhariam essa temática em sala de aula. Tempo utilizado 10 minutos.

3-Reflexão sobre o tema: Elaboração de desenhos que reflitam o conhecimento escolar estereotipado sobre a África e os povos africanos. Tempo utilizado 30 minutos.

4-Após a reflexão dos participantes, a mediadora retomou a fala questionando os professores acerca de que maneira eles iriam trabalhar a história da África após esse entendimento. Ela pediu que eles elaborassem através de figuras o modo como eles visualizavam o continente africano. Tempo utilizado de 50 minutos.

5-A mediadora apresentou algumas figuras de pessoas negras intelectuais e perguntou se eles já conheciam ou tinham ouvido falar. Tempo utilizado de 20 minutos.



Sankofa 4

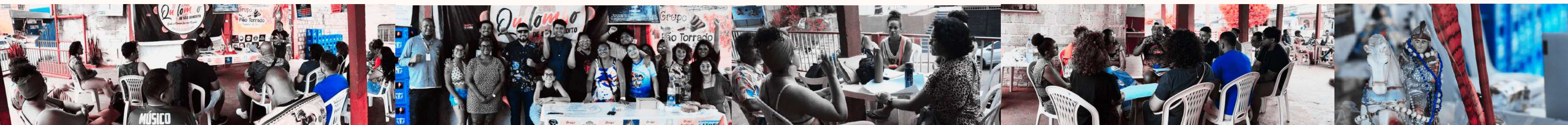
SANKOFA 3



BLACK IS BEAUTIFUL



TEMÁTICA



SANKOFA 4

O racismo enraizado no vocabulário cotidiano A objetificação do corpo negro

Objetivos: Apresentar como o racismo estrutural interfere no vocabulário cotidiano; Valorizar as referências de beleza negra.

Duração: 2 horas.

Recursos utilizados: Oralidade e textos sobre racismo.



Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa.

Passo a passo da Sankofa 4

1-A formadora relembrou sobre a Sankofa 3 e depois começou a falar sobre o tema da Sankofa 4. Foi trabalhado o nosso vocabulário e as palavras racistas que ainda estão presentes em muitas falas. A mediadora questionou se os participantes já escutaram palavras de cunho racista que fazem do vocabulário de muitas pessoas que muitas vezes não sabem o seu significado. Isso se dá porque o racismo é estrutural e está na construção do país, por isso precisamos entender esses significados para não reproduzirmos essas falas. Duração, 20 minutos.

2-Após a exposição da formadora ela escutou a fala dos participantes – Tempo para os participantes, 20 minutos.

3-Logo após a escuta dos participantes, a formadora retomou sua fala sobre o racismo estrutural e a objetivação dos corpos negros que remete a um legado histórico de escravidão no país. “Quando o corpo negro chega ao Brasil ele é trazido como um objeto, a ser coisa de alguém. É desumanizado. As mulheres negras para além do trabalho escravizado, tinham outra questão que era a violência sexual.” Tempo estimado 20 minutos.



4- Produção Reflexiva - Realização de uma mostra fotográfica valorizando as referências da beleza negra. Tempo estimado para essa ação 40 minutos.

Sankofa 5

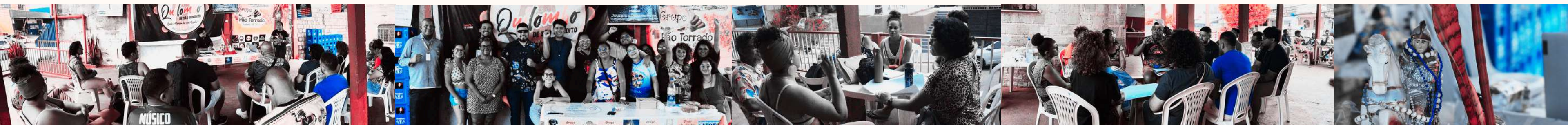
SANKOFA 5



**EU, PROFESSOR E
PESQUISADOR NEGRO**



TEMÁTICA





SANKOFA 5

A (auto) biografia como caminho para o professor negro pesquisador

Objetivos: Debater o papel da (auto)biografia para a pesquisa sobre as vivências negras na escola.

Duração: 2 horas.

Recursos utilizados: Textos sobre narrativas autobiográficas.

Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa.

Passo a passo da Sankofa 5

1-A formadora relembrou a Sankofa 4 para os participantes e depois começou a explicar o tema da Sankofa 5 ressaltando a importância do professor negro e pesquisador saber de suas vivências e experiências que possuem um papel importante para a educação, considerando ainda que há um ramo de pesquisas acerca das memórias, narrativas e práticas de formação que evidenciam diferentes modos de trabalho na formação inicial e continuada do professor. Tempo estimado para a explicação, 40 minutos.

2-A formadora disponibilizou textos sobre as narrativas auto (biográficas) para os participantes. Foi feita uma grande roda de conversa para dialogarmos sobre o entendimento dos participantes. Tempo 20 minutos.

3-A Formadora falou sobre a urgência de construirmos uma educação antirracista a partir das vivências dos professores negros e dos seus lugares de fala no espaço escolar. Na roda de conversa a formadora deixou os participantes livres para se expressarem. Tempo 20 minutos.

Sankofa 6

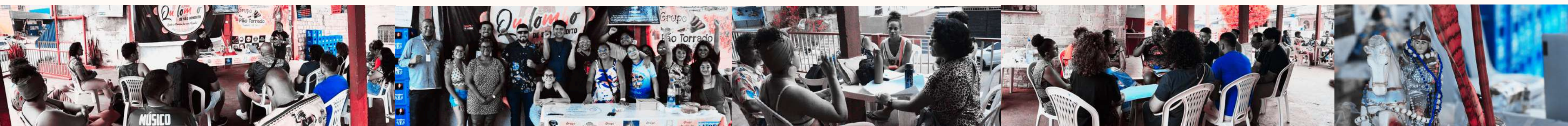
SANKOFA 6

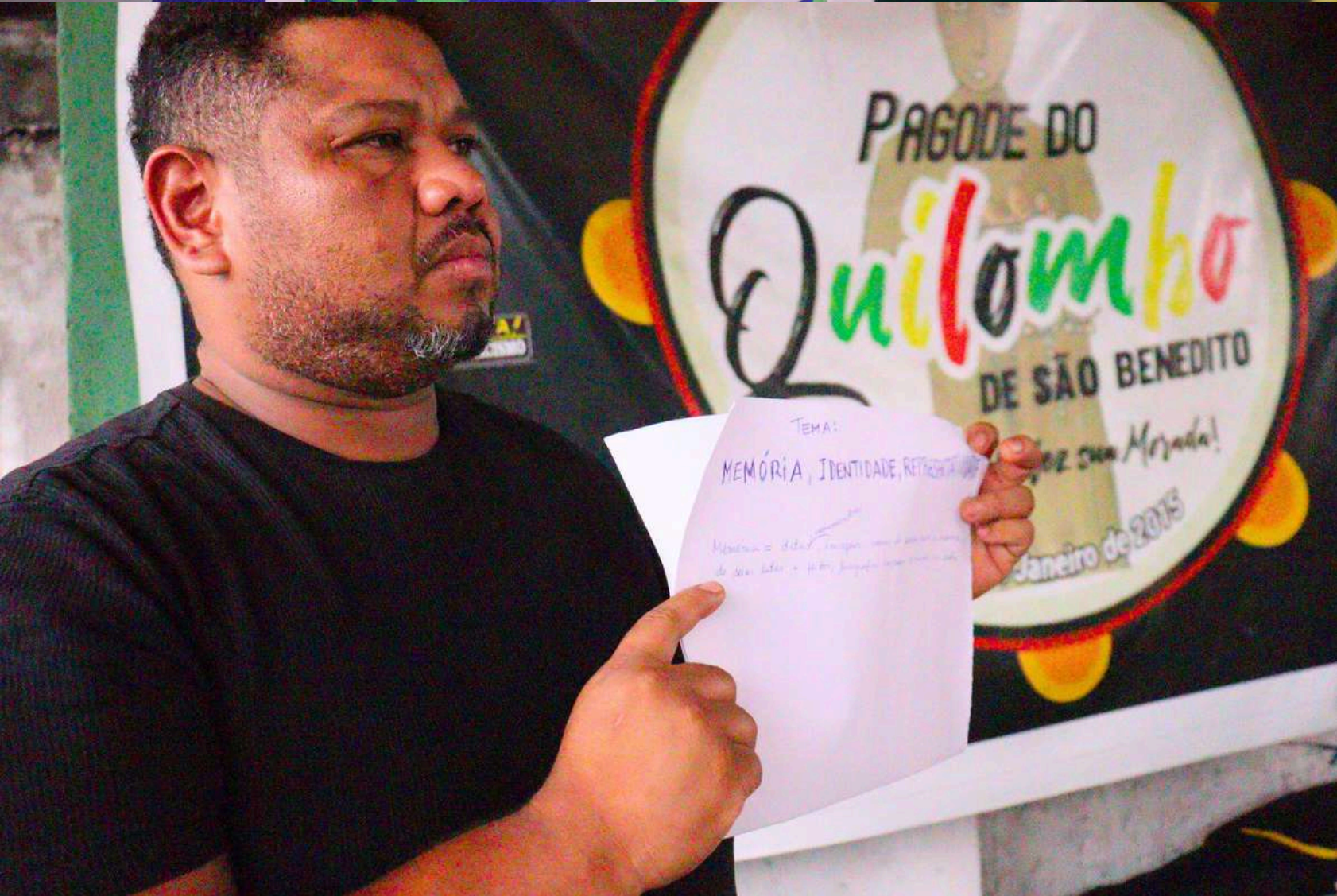
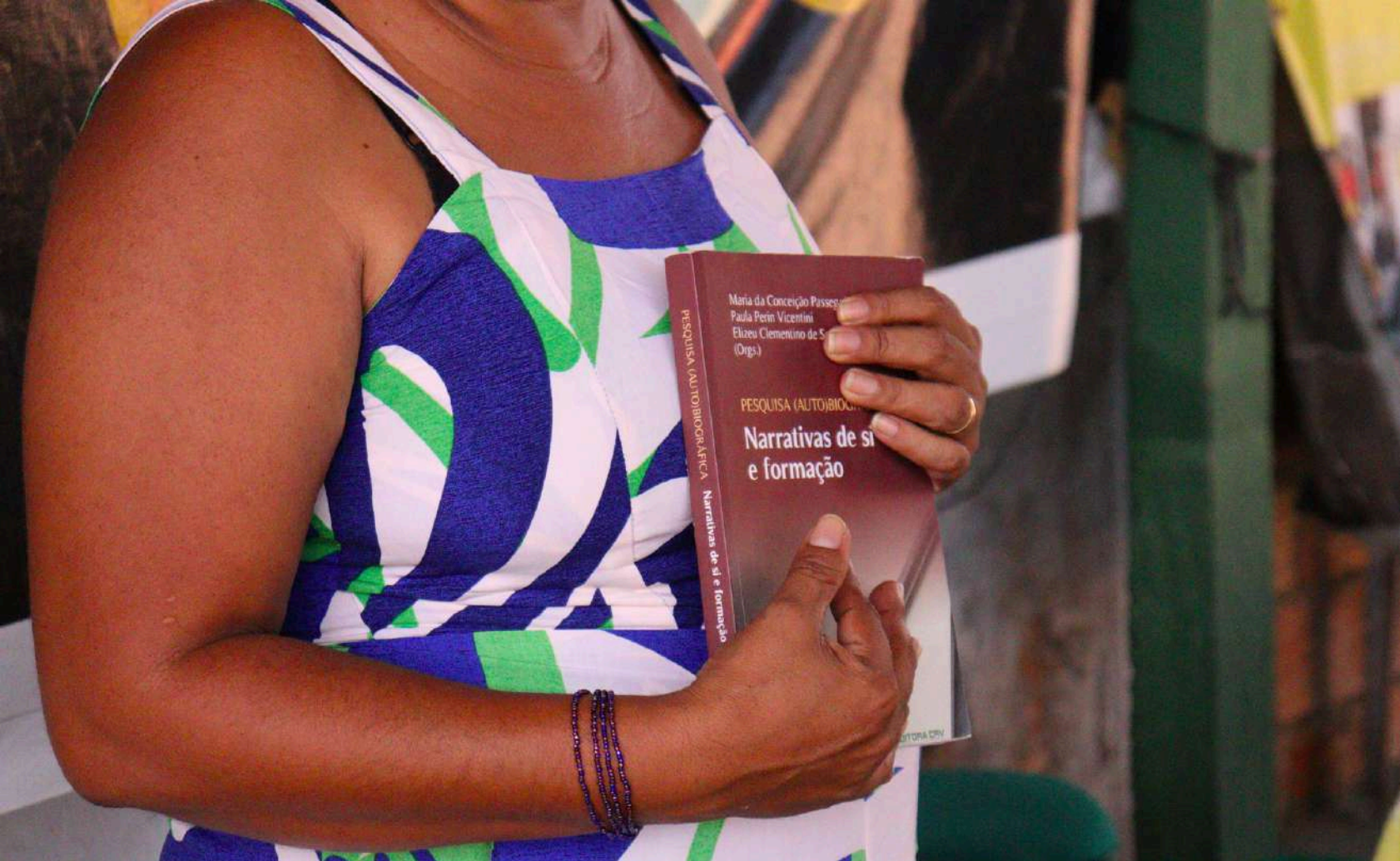


UMA EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA PARA
O SÉCULO XXI



TEMÁTICA





SANKOFA 6

Uma Educação Antirracista para o século XXI

Objetivos: A urgência em se construir uma escola voltada para uma educação antirracista; Discutir as razões para as dificuldades de consolidação das leis 10639/03 e 11645/08; Pontuar as razões para a luta por uma escola antirracista.

Duração: 2 horas.

Recursos utilizados: Textos e Indicações de livros tratando sobre a temática.

Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa.

Passo a passo da Sankofa 6

1-A formadora falou sobre a importância da participação dos professores na formação. Relembrou a Sankofa 5 e começou a Sankofa 6 falando sobre as Leis de Diretrizes e Bases da Educação e a dificuldade que muitos professores negros possuem em trabalhar esse tema. Tempo estimado 20 minutos.

2- A formadora questionou os professores se eles sabem ou imaginam o porquê de não se falar em datas antirracistas no calendário escolar amazônico e só falarem do calendário festivo; A partir disso, como eles fariam para trabalhar a questão antirracista por meio dos marcos temporais relevantes para a educação antirracista. A formadora pede que participantes formem um grupo para dialogarem a respeito. Tempo 40 minutos.





3-A formadora falou para os participantes a respeito do Movimento Negro Unificado e dos ativistas negros pesquisadores que lutaram para que as leis 10.639/03 e 11.645/08 fossem promulgadas. Mesmo assim, depois de vinte anos não há de modo pleno sua execução nos espaços escolares. A formadora abriu espaço para os participantes dialogarem.

4-Produção Reflexiva: A formadora salientou que devemos falar da educação antirracista não apenas em datas marcadas pelo calendário escolar, mas temos que trabalha-la todos os dias do ano. Por fim, a formadora finalizou o curso agradecendo aos participantes que estiveram presentes ao longo da formação. Tempo 40 minutos.

As oficinas assumiram o formato de rodas de conversas em que foram apresentados aos professores os objetivos, temáticas e finalidades do curso através de slides para conhecerem a pesquisadora, seu orientador e o Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico, no qual a dissertação e o produto fazem parte. A instituição IFAM-Centro fica há sete quarteirões do local onde foi executada a formação para os professores negros.

No final da aplicação do produto da dissertação os participantes deram sugestões e reivindicações para os professores e principalmente gestores trabalharem nas escolas engajando a construção de uma educação antirracista. As proposições estão listadas abaixo:



Desenvolver a atividade na escola, que fale na perspectiva do bairro, acho que é o primeiro passo, quando se fala da África, do continente africano pra mim, porque você está na escola , trabalhar nela e nem sabe que tem um quilombo ao entorno tem uma história ancestral.



Trazer para cena essas outras narrativas, memórias e oralidades, porque o nosso povo repassou o conhecimento através da oralidade, dos modos de fazer, dos modos de ser, dos modos de viver.



Valorizar e trabalhar nas salas de aula as leis 10.639/03 e 11.645/08 que por muitos professores e gestores não faz parte do calendário das escolas e passa despercebida.



Indicar livros de autores negros (as).



Capacitar os professores na questão de oficinas para Formadores Antirracista e pensar no currículo que seja um instrumento para fazer cumprir essas leis nas unidades educacionais.

Como que podemos olhar para nós mesmos enquanto educadores negros(as)? Quais as práticas que fazemos diariamente que podemos dizer que somos educadores e educadoras antirracistas? Temos de fato essas ações para que de fato consigamos avançar no antirracismo?

Todas essas questões foram postas na oficina para deixar para as escolas municipais, estaduais e particulares de educação do estado do Amazonas.

Diante dessas reivindicações a formadora desenvolveu um calendário antirracista com bases nessa pesquisa e na leitura de vários livros e textos que compõem o acervo de apoio para o Formador negro que será disponibilizado no decorrer de nossa apresentação.



Aponte a câmera do seu celular para acessar o Calendário Antirracista

“Eu faço questão de dizer, tenho orgulho, quando minha filha era pequenininha na escola, meus amiguinhos diziam, mãe meus amigos dizem que tu é negra, eu já disse pra eles que tu não é negra, que tu é marrom. E eu dizia para minha filha, não minha filha diga que sou negra e o cabelo ajuda, que é pixaim, nunca neguei as minhas raízes, nunca mesmo, a gente tem que avançar pelos direitos da gente, senão as pessoas vão sempre estar pisando na gente” (Babosa, 58 anos relato na formação, 2023).

“Alguém aqui já viu alguém ser preso por crime de racismo, chega lá na delegacia com o pessoal do preconceito racial, o racismo é tipificado como injúria racial, ninguém é tipificado como racista, ninguém no Brasil, pelo menos na parte criminal que eu faço, ser tipificado como racista e ser condenado pelo crime da racismo, e não é comentado nas escolas, não é comentado na sociedade, não é comentado em qualquer outro lugar, mesmo a gente falando, ainda existe esse racismo estrutura, essa ignorância ou proposital ou indireta, que liga o negro, ou o indígena, ou uma pessoa de uma classe social diferente, atribui as profissões” (Espada de São Jorge, 43 anos , 2023).

“É diferente mesmo, porque uma vez eu tive uma experiência no manauara na loja da melissa eu tinha colocado trança no meu cabelo, eu tava lá olhando, e a moça que trabalhava lá falou, você pode fica aqui por enquanto eu vou lá guarda umas caixas, ai eu tava lá olhando assim né, e um homem negro chegou todo de paletó, e já foi logo me mandando, eu quero saber onde ta tal coisa, tal coisa, tal coisa, ai eu olhei assim pra ele, ele percebeu e disse desculpa pensei que você fosse a gerente, ai eu pensei que você fosse a gerente ou a dona, ai ele percebeu que não tava dando certo, ai eu disse melhor o senhor fica calado, e o senhor entender o que é racismo, é letramento racial, já ta na hora né, então vamos procurar saber, pra que a gente tá fazendo isso, agora é crime, racismo é crime, ai ele ficou todo assim **(Figueira Africana 36 anos, Formação 2023)**.





“ Ele falou desse jeito assim, será que ainda existe mesmo, com tantas leis que já criaram leis antirracistas, será que ainda existe mesmo esse preconceito e racismo, eu não sei explica tanto, mas eu disse pra ele que por lei existe, mas, por cumprimento delas não, como existem varias outras leis que existem e ninguém cumpre, a desigualdade existe e muito, eu nem sei o que eu me considero depois daquela conversa que a gente teve naquela vez, tanto é que não botei nenhuma das cores que tinha no formulário, botei outra, e tento por falta de conhecimento tento não tentando opinar pra não falar nenhuma besteira sobre racismo e preconceito.” **(Boldo, 23 anos, participante da Formação 2023)**

“ Quando eu penso na África, eu penso em três coisas, origem, ancestralidade e espiritualidade. Origem, porque umas das primeiras coisas que eu falo prós meus alunos é eu imprimo o mapa, eu localizo a África, eu mostro onde tá, perto da onde, porque que dizem que foi aqui, ali, os primeiros povos, lembro de origem. A ancestralidade, né que pra mim, eu mais identifico, quando se fala em África. E a espiritualidade, porque eu sou de terreiro, eu sou do Axé, sou do tambor de mina, o tambor de mina é uma religião originária da África, chegou aqui com as pessoas escravizadas, com as mulheres principalmente, hoje o tambor de mina só tem aqui no norte, é Belém e Manaus, Amazonas e Pará, e ai é muito tradicional que eu admiro e que me fez fica no tambor de mina, porque é muita ancestralidade, é muita tradição, é muita valorização da cultura africana, hoje a gente ver no tambor de mina a gente conversa muito sobre isso, a Umbanda estar muito embranquecida, a gente sempre busca, as nossas cantigas, os nossos pontos, a gente busca sempre os iourubá, em outras linguagens, outros dialetos, tem uns que eu ainda estou aprendendo, eu estou no tambor de mina tem um ano e meio, foi assim paixão, o terreiro do tambor de mina que eu frequento fica lá na cidade nova, então quando penso em África eu penso em espiritualidade e ancestralidade” **(Violeta Africana, 42 anos, Formação 2023).**

“*Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões antológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a teoria deve ser o exemplo concreto, prático da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela e nela, a construção, estar envolvendo os alunos*”. **(FREIRE, 2022, p. 47).**

“Entendo que a narrativa abre espaços e oportuniza aos sujeitos em processo de formação o compartilhamento de experiências formadoras sobre tempos, espaços e trabalho biográfico. Dessa forma, as narrativas, como noção e espaço biográfico, constituem-se de forma singular num projeto formativo, porque partem da transação entre diversas experiências e aprendizagens individuais e coletivas circunscritas nos territórios de vida-formação”. **(SOUZA, 2011. p. 2018).**

Considerações finais

Enquanto educadores e educadoras temos por função profissional cumprir com a legislação educacional que surgiu por conta da força do movimento negro, buscando oferecer para as crianças jovens e adultos negros(as) uma educação que seja potente e capaz de fazer com que as pessoas negras tenham todo o desenvolvimento intelectual dentro das unidades educacionais. O currículo antirracista de educação precisa ter essa intencionalidade e continuidade com vistas à implementação e aplicabilidade da lei 10.639 nas unidades educacionais. Que isso possa ser trabalhado diariamente no cotidiano escolar.



Referências

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA, 2021.

AKOTIRENE, Karla. Interseccionalidade. São Paulo: Polém, 2019. 150 p.

CALMON, Maeli Santos. O genocídio do povo negro no Brasil: de Abdias do Nascimento ao mapa da violência. Caderno Sisterhood, v. 3, n. 3, 2019.

CONCEIÇÃO, Jessy Kerolyne Gonçalves. A máscara não pode se esquecer. REVISTA POIESIS, v.21, n.35, p. 345-362, 2020.

DA COSTA BRITO, Enio José. SAMPAIO, Patrícia Melo. O fim do silêncio. Presença negra na Amazônia. Revista de Estudos da Religião (REVER), v. 12, n. 2, p. 201-206, 2012.

DE JESUS FERREIRA, Aparecida. Epistemologias do Letramento racial crítico no contexto brasileiro: identidades de professoras de línguas estrangeiras e interseccionalidades com raça, gênero e classe social. Língu@ Nostr@, v. 9, n. 1, p. 130-156, 2021.

DE JESUS FERREIRA, Aparecida. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: Narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 6. N. 14, p. 236-263, 2014.

FRUTUOSO, Paula Keller; LIMA, Fernanda da S. APRENDENDO PARA TRANSGREDIR: a pedagogia engajada de Bell hooks como estratégia para o cumprimento da lei n. 10.639/03 nas instituições de ensino. *Koan: Revista de Educação e Complexidade*, n. 6 p. 09-25, 2018.

GAUDIO, Eduarda Souza. Resenha do Livro " O que é racismo estrutural" de Silvio Almeida. *Humanidades & Inovação*, v.6, n. 4, p. 213-217, 2019.

SILVA, Mozart Linhares da; DIAS, Luiza Franco [Orgs.] 21 Textos para discutir racismo em sala de aula. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2022. 222p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Dimensões e desafios da pesquisa (auto) biográfica no atual contexto brasileiro. *Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*, Teresina, v. 2, n. 1, p.188-209, jan./abr. 2020.

RIBEIRO, Amanda; GONÇALVES, Ednéia. Bell hooks. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 23, n. 2, p. 329-332, 2022.

DA COSTA NEGRÃO, Felipe; GONZAGA, Amarildo Menezes. Entre cartas e Diários: Narrativas de si Formação inicial de professores polivalentes. IX Congresso Nacional de Educação. Anais de evento. 2023.



Aponte a câmera do seu celular para
acessar os textos referenciais



Aponte a câmera do seu celular
para acessar as fotos das oficinas



vimento
é a luta
mória contra
ecimento."
r Nascimento)

BASTA!
DE RACISMO

PAGODE DO
Quilombo

MAURINO FONSECA
(BIMBO)
PRÉSENTE!

GRUPO
Samba do Quilombo

CACHOEIRINHA
CIDADE NOVA
SÃO JOSÉ I
COMPENSA

O FIM DO
SILÊNCIO

TORNAR-SE
NEGRÃO

VIOLA DAVIS
EM BUSCA DE MIM

KARAVÁ

GRUPO Samba do Quilombo

VIOLA DAVIS
EM BUSCA DE MIM

Movimento Negro
educador

@Descolonizando Saberes

CRIS BARROS

CRIS BARROS
O PENSAMENTO NEGRO ABRETE

Grupo Samba do Quilombo

Grupo Samba do Quilombo

Grupo Samba do Quilombo